



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

A RELIGIÃO COMO FATOR DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO ÉTICO

RELIGION AS A CONSCIOUSNESS FACTOR FOR ETHICAL DIALOGUE

LA RELIGIÓN COMO FACTOR DE CONCIENCIA PARA EL DIÁLOGO ÉTICO

André Magalhães Coelho¹

e34132

<https://doi.org/10.47820/acertte.v3i4.132>

PUBLICADO: 04/2023

RESUMO

Em um mundo marcado por violências simbólicas, a negação do outro à religião não pode ser um instrumento que crie barreiras, incentivando as massas ou grupos de fiéis a se fecharem em seus dogmas e se apegarem em certezas. É cada vez mais urgente uma consciência de abertura e de proximidade com o desconhecido e que esse envolvimento desperte um compromisso e uma vivência ética que nos evolva em um laço fraterno e dialógico. Nesse sentido, a religião tem tido cada vez mais participação nos debates políticos, nas questões sociais e na orientação da vida daqueles que a buscam. O objetivo deste artigo é demonstrar que as religiões, no futuro, deverão ter uma conscientização na vida humana, nos direitos humanos, como a justiça social, valorizando mais a vida do que culturas de violência. Para isso, são analisados o papel da ética na vida humana, e como ela pode nos livrar desse obscurantismo e da crise de valores, quando a maioria da humanidade não sabe mais discernir o que é correto e o que não é. Para este estudo foram feitas leituras de autores que têm estudado e procurado compreender o tema, principalmente o fenômeno religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Religião. Diálogo. Conscientização.

ABSTRACT

In a world marked by symbolic violence, the denial of the other to religion cannot be an instrument that creates barriers, encouraging the masses or groups of believers to close in on their dogmas and cling to certainties. An awareness of openness and closeness to the unknown is increasingly urgent, and that this involvement awakens a commitment and an ethical experience that involves us in a fraternal and dialogical bond. In this sense, religion has had more and more participation in political debates, in social issues and in the orientation of the lives of those who seek it. The objective of this article is to demonstrate that religions, in the future, should have an awareness in human life, in human rights, such as social justice, valuing life more than cultures of violence. For this, the role of ethics in human life is analyzed, and how it can free us from this obscurantism and the crisis of values, when the majority of humanity no longer knows how to discern what is right and what is not. For this study, readings were made by authors who have studied and sought to understand the theme, especially the religious phenomenon.

KEYWORDS: Ethics. Religion. Dialogue. Awareness.

RESUMEN

En un mundo marcado por la violencia simbólica, la negación del otro a la religión no puede ser un instrumento que cree barreras, alentando a las masas o grupos de creyentes a acercarse a sus dogmas y aferrarse a las certezas. Es cada vez más urgente una conciencia de apertura y cercanía a lo desconocido, y que esta implicación despierte un compromiso y una experiencia ética que nos envuelva en un vínculo fraterno y dialógico. En este sentido, la religión ha tenido cada vez más participación en los debates políticos, en las cuestiones sociales y en la orientación de la vida de quienes la buscan. El objetivo de este artículo es demostrar que las religiones, en el futuro, deben tener una conciencia en la vida humana, en los derechos humanos, como la justicia social, valorando la vida más que las culturas de violencia. Para ello, se analiza el papel de la ética en la vida humana,

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE

ISSN 2763-8928

A RELIGIÃO COMO FATOR DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO ÉTICO
André Magalhães Coelho

y cómo puede liberarnos de este oscurantismo y de la crisis de valores, cuando la mayoría de la humanidad ya no sabe discernir lo que es correcto y lo que no lo es. Para este estudio, las lecturas fueron hechas por autores que han estudiado y buscado comprender el tema, especialmente el fenómeno religioso.

PALABRAS CLAVE: *Ética. Religión. Diálogo. Conciencia.*

INTRODUÇÃO

Dentre as principais razões que motivaram este texto, se escolheu a crise de valores, os obscurantismos no horizonte ético e o papel da religião, o que ela deve ofertar na vida daqueles que a buscam. Desta maneira, a função dos especialistas religiosos, daqueles que discursam sobre os símbolos sagrados é levar as massas ou fiéis a uma conscientização da dimensão da vida, onde os valores, como o respeito ao outro e alteridade são de fundamental importância para a vivência em sociedade, hoje vemos o discurso religioso nas mídias, na política e nos debates públicos ganhando cada vez mais espaço.

O fundamentalismo religioso de todas as maneiras, cristões, judaico, islâmico e outros podem ser noticiados em várias partes do mundo, o diálogo inter-religioso deve levar a um compromisso fraternal onde deve ser incluída todas as vozes marginalizadas, dessa maneira, as religiões continuam sendo a orientação de valores para a maioria da humanidade. Na modernidade, ela conduz, motiva e mobiliza multidões, para Leonardo Boff as religiões “[...] permitem elaborar um consenso ético mínimo, capaz de manter a humanidade na unidade e preservar o capital ecológico indispensável para a vida. Elas representam, na história, o *ethos* que ama e cuida” (BOFF, 2016, p. 28). Nesse sentido, a força da mensagem que vem do discurso religioso produz uma dimensão que valoriza, cuida, e mantém influência no decorrer dos séculos, sendo que isso não só está restrito a questões ecológicas, como disse Boff, mas toda a representação de vida. Outro pensador influente, Hans Küng (2003), comenta que “sem uma ética de mentalidade a ética de responsabilidade se transformaria numa ética de sucesso livre de qualquer mentalidade, para a qual, em vista dos objetivos, todos os meios seriam lícitos” (KÜNG, 2003, p. 62).

Neste sentido, a ética sem compromisso, a ética de mentalidade, estaria sujeita ao reducionismo de um sentido de autoajuda. A religião conduz os seres humanos à uma consciência de compromisso fraterno, a ética de uma comunidade religiosa ou de um seguimento religioso não pode estar fechada a seus interesses, mas deve haver uma abertura de diálogo e aproximação, um caminhar sem levar em conta a religião do outro, mas um laço de alteridade, aceitando o desconhecido como ele é e desta maneira o diálogo vai de encontro à crença do outro, possibilitando a profundidade de uma unidade e deve seguir acompanhado com uma responsabilidade de um diálogo inter-religioso. O objetivo deste artigo é demonstrar que as religiões devem ter um engajamento para construir um diálogo que possibilite uma ética de mentalidade, ou seja, que venha a ter uma consciência que os valores da vida humana devem ser respeitados, assim como os direitos humanos e justiça social.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

A RELIGIÃO COMO FATOR DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO ÉTICO
André Magalhães Coelho

Como objetivo deste estudo, procuraremos analisar a ética da vida humana por meios de autores que têm trabalhado e discutido esta temática como tentativa de uma cultura de paz. Por isso, utilizaremos a metodologia de pesquisa bibliográfica. Em um primeiro momento, analisamos o discurso religioso como fundamento da ética, a importância de ouvir o outro, o caminho se faz do diálogo, fundamentalismo como negação das possibilidades éticas à evolução em direção à humanidade e, pôr fim, a concretização tardia dos direitos humanos no cristianismo.

1 DISCURSO RELIGIOSO COMO FUNDAMENTO DA ÉTICA

As religiões continuam sendo portadoras de sentido para a maioria da humanidade. Na modernidade, ela é a força que concentra grande números de pessoas e motiva para criar convicções, vemos isso nos templos neopentecostais, desta maneira, o que influencia pessoas não é a ideologia, a política nem a economia, mas aquilo que os seres humanos se identificam, os valores e convicções que as regiões constroem, como a família e crenças (BOFF, 2016). É por essas coisas que a maioria das pessoas estão prontas para dar suas vidas, e é aí que as religiões têm que entrar, com seu discurso, um diálogo, uma religião, insistir somente nos seus próprios critérios de verdade, o diálogo já estará fadado ao fracasso. Por isso, o diálogo deve ser aberto ao encontro do outro. Para a teóloga feminista Kwok Pui-lan, a relação da religião com os empreendimentos do mundo não é igualmente algo novo.

“As crenças e as práticas religiosas têm implicações para a moralidade e para a ética, para a busca do bem comum e do legítimo exercício de poder” (PUI-LAN, 2015, p.10-11). A religião como força geradora de valores participa da vida em sociedade e tem a função importante de orientar muitas vidas. O teólogo protestante Jürgen Moltmann diz que o discurso do Reino do Deus vivo é saúde e vida plena e tem a função de abranger toda a criação. “O Reino de Deus abrange toda a criação e é tão variegado quanto esta. Não é só um ideal ético de justiça e paz. é certo que o é também, mas em sua plenitude é terreno e corpóreo e é percebido sensorialmente [...]” (MOLTMANN, 2012, p. 71). Desta maneira, o discurso religioso não deve ficar preso a normas e critérios próprios de sua doutrina, mas deve se abrir como possibilidade para todos que buscam uma vida plena. A crítica ou não aceitação de aspectos ou do todo de uma manifestação religiosa é comum a todas as religiões. Paralelo a isso, o hibridismo permanente é um elemento que, tornando um fenômeno religioso diferente do que era em suas próprias origens, desautorizaria uma crítica ao diferente. Praticamente, em todas as religiões há figuras sagradas que, a exemplo de textos escritos ou tradições orais, também são normativas: o Cristo, o profeta, o Buda.

Quantas vezes as próprias religiões tiveram que ser lembradas por seus críticos, seus reformadores, seus profetas e sábios, de que estavam praticando o que não era certo; que elas se tornaram infiéis à sua própria essência. Esta essência original é própria de cada religião, sua origem normativa ou seu cânone normativo. Há critérios utilizados por cada religião para procura da verdade. Isso garante ao mesmo tempo sua identidade própria. Nenhuma religião poderá renunciar por completo de empregar seus próprios e, bem específicos, critérios de verdade às outras religiões.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

A RELIGIÃO COMO FATOR DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO ÉTICO
André Magalhães Coelho

Estes critérios podem ser cristãos, muçulmanos, hinduístas, budistas ou do confucionismo. Diálogo não significa autonegação e a crítica a outros continua sendo necessária, quem, porém, permanecer sóbrio e honesto, entenderá que tais critérios são relevantes para a própria religião e não saem das comprometedoras para outras religiões.

Para Küng, se num diálogo, uma religião insistir somente nos seus próprios critérios de verdade, o diálogo já estará fadado ao fracasso. Por isso, o diálogo deve ser aberto ao encontro do outro. Hans Küng cita o exemplo da Bíblia como testemunho original sobre Cristo: o Novo Testamento tem uma função crítico libertadora, fundamental, na discussão entre as Igrejas cristãs; da mesma forma, a Bíblia Hebraica nas discussões entre os cristãos e judeus. Mas no diálogo, usar livros sagrados como critério de alteridade seria uma afronta a outras religiões, nesse caso, a Bíblia ou Alcorão não seriam a base para uma aproximação com outras tradições religiosas como Budismo e Hinduísmo. Os muçulmanos, por exemplo, até reconhecem a Bíblia como um livro sagrado, mas que teria sido falsificado por judeus e cristãos. Será que os cristãos se deixariam convencer de que os critérios de verdade são ditados a partir do Alcorão, dos Bhagavadgita ou a partir dos ensinamentos de Buda? (KÜNG, 2003). Esta é uma pergunta difícil. O que ainda resta se no diálogo inter-religioso de judeus e os cristãos não pode mais se basear simplesmente na Bíblia ou em outros livros sagrados como o Alcorão, os hinduístas nos Gita, e os budistas no seu cânone como autoridade indiscutível para buscar um consenso de direito de verdade entre os parceiros em diálogo? (KÜNG, 2003).

Se comparamos a nossa religião com as outras, ou quando refletirmos sobre o mau uso dela podemos colocar a pergunta, em termos gerais, sobre que é o verdadeiro e bom. Estes critérios devem ser aplicados a todas as religiões bem como em questões de direito dos povos e da paz entre as nações. Como já vimos, além de critérios específicos, que cada religião desenvolve para si, precisamos, hoje, discutir critérios éticos gerais. Devemos considerar o seguinte: as religiões sempre se mostram mais convincentes, face ao horizonte do absoluto, quando conseguem evidenciar o que é verdadeiramente humano, e isso já antes das tendências de busca por autonomia da época moderna. Basta lembrar somente o decálogo os dez mandamentos, o sermão do monte, o Alcorão, muitos discursos de Buda. Hoje toda mensagem religiosa, também a cristã, deve ser repensada ante o horizonte de um mundo modificado (KÜNG, 2003, p. 140).

De acordo com Küng, quanto mais humana for uma religião, mais verdadeira ela é. E quanto menos humana, menos aponta caminhos de realização ao ser humano, mais falsa e negativa ela é. Humanidade e autenticidade estão condicionadas às práticas e orientações fundamentais e ao direcionamento que lhe é dado por suas lideranças. Nesse sentido, igrejas ou religiões visivelmente preocupadas com a questão financeira, por exemplo, devem ter sua autenticidade questionada. Naturalmente, não podemos esquecer que toda religião deve ter uma finalidade social clara relacionada à promoção humana. Hans Küng nos ensina que só o verdadeiramente humano pode ser fundamentado no divino. Ele estabelece uma relação dialética entre religião e humanidade e a descreve da seguinte maneira: “A verdadeira humanidade é o pressuposto para a verdadeira religião”. Isto significa que o humano, o respeito à dignidade humana e aos valores fundamentais são



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

A RELIGIÃO COMO FATOR DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO ÉTICO
André Magalhães Coelho

exigências mínimas a cada religião. Onde se procura realizar a verdadeira religiosidade deve haver humanidade.

A verdadeira religião é a realização de humanidade, isso significa que a religião tem como expressão um sentido mais abrangente de valores mais elevados de compromissos incondicionais, sendo o pressuposto para a realização do humano.

2 A IMPORTÂNCIA DE OUVIR O OUTRO

As comunidades têm relações e formas distintas de obrigações, laços de clã ou de família e com isso há uma semelhança entre elas. Todas participam da busca de um bem comum, por isso a melhor maneira de viver em comunidade é um olhar no diferente, não importando a suas crenças, raças e etnias, mas a solidariedade em busca de uma melhor participação em um laço comum de amor e de afeto ao semelhante. Por isso, a “ágape” é um bem superior e está além de toda forma de fundamentalismo e arrogância.

São muitas as questões onde a intolerância e o preconceito resultam em práticas egoístas e egocêntricas (COMBLIN, 1985). “O diálogo verdadeiro não se dá através do abandono da tradição religiosa, mas de seu aprofundamento mediante a oração, o pensamento e a ação” (TEIXEIRA, 2012 p.173). A relação com o indiferente não se dá em negar as suas origens e culturas, não é preciso se colocar na fé do outro, imitar o diferente, já que o diálogo inter-religioso se dá no respeito, na tolerância e na comunhão verdadeira de aproximação do outro, é um Deus que se relaciona por uma unidade, trata-se de uma inquietude, de amor. O diálogo se dá no pluralismo e na mútua ligação com o diferente, na comunhão das relações de afeto e de compromisso O Deus “ágape” se relaciona com todos e o Cristianismo é uma tradição religiosa singular, mas não absoluta (TEIXEIRA, 2012).

Teixeira comenta que o diálogo inter-religioso acontece com o respeito em profundidade com o enigma da pluralidade religiosa as diferenças devem ser deixadas de lado e cada tradição deve entrar no solo sagrado do outro com tolerância e humildade. O diálogo é inquietante e deve acontecer de uma maneira atenciosa com o diferente. A confiança é entregue a um mistério sempre maior. É Deus que faz o diálogo por entender que se trata de um amor ágape que não leva em conta as diferenças, mas sim a Koinonia, isto é, a comunhão (TEIXEIRA, 2012). Para Küng, a firmeza de posições em questões de fé não significa justamente um bloqueio para o diálogo sério entre as religiões. Por isso, no diálogo inter-religioso deve haver uma abertura como o outro, porque a fé não está ligada a uma verdade, mas sim ao compromisso do amor e do afeto e por entender que não existe verdade, mas sim verdades.

“Isso constitui a pergunta principal em qualquer empreendimento inter-religioso: há um caminho teologicamente responsável que permite aos cristãos aceitar a verdade das outras religiões sem renunciar à verdade da própria religião e com isso a sua própria identidade” (KÜNG, 2003, p. 154).

O diálogo interconfessional e inter-religioso levanta palavras de ordem como indiferentismo, relativismo e sincretismo. Por isso, rejeito toda forma de indiferentismo, e sincretismo que



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

A RELIGIÃO COMO FATOR DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO ÉTICO
André Magalhães Coelho

obscurecem qualquer posição mais clara, porém, pura negação ainda não é uma posição crítica. Dessa maneira, há que diferenciar melhor (KÜNG, 2003). Para Lévinas, o diálogo representa a manifestação do encontro com o outro considerando-se a alteridade e reciprocidade e não seus aspectos de suas realidades e sim o compromisso de aproximação de crescimento com o diferente. Nesse diálogo inter-religioso celebra-se com o diferente em uma alteridade de aproximação e de respeito mútuos. Nos relacionamos com o outro, porque somos o outro, não interessa de onde veio a humanização, é consumada na figura humana e não nas indiferenças e o respeito deve ser sincero e verdadeiro, não importa a fé de que procedemos e sim a comunhão em uma troca de conhecimento e de tolerância, “ninguém pode permanecer em si: a humanidade do ser humano, a subjetividade, é uma responsabilidade pelos outros, uma vulnerabilidade extrema” (LÉVINAS, 1993, p. 124).

O diálogo inter-religioso, portanto, funda-se no reconhecimento do outro e de suas convicções. Trata-se naturalmente de uma atitude ética de respeito e acolhimento dentro dos horizontes da alteridade.

3 O FUNDAMENTALISMO COMO NEGAÇÃO DAS POSSIBILIDADES ÉTICAS

Os fundamentalistas acham que a única maneira de se defender contra a “invasão” é não olhar o que está do outro lado, se fechando e não permitindo que o outro fale. Küng comenta que em tal situação, somente o diálogo e o “ecumenismo inter-religioso”, respectivamente, poderão assegurar a paz. É altamente procedente o alerta, dizendo que não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões. Somente uma “cultura de diálogo” poderá evitar exclusivismos extremos. Na aldeia global, existe uma interdependência recíproca, requerendo da humanidade a consciência de constituir uma só família, com membros de diferentes graus de parentesco, mas irmanados. Ao mundo globalizado falta o espírito ecumênico, se a fé é uma caminhada rumo à compreensão e ao reconhecimento da verdade dentro da vida pessoal e social, ela é movimento, desdobramento, aventura. Se a fé é aceita cegamente e um sistema sem se perguntar o que este significa, essa fé é inabalável. As expressões individualista e exclusivista levam à interiorização e ficam descuidadas a abertura ao mundo e sobretudo aos outros seres humanos e, com isso, acentua-se da vivência do silêncio do encontro com o próprio interior tornando a si própria monopólio da salvação.

“O cristianismo é baseado, portanto, em uma ausência (o túmulo vazio) que oferece condições para o relacionamento com o outro. Nesse sentido, o diálogo com outras religiões é uma vocação cristã” (RIBEIRO, 2014, p. 92). Com isso, é necessário desenvolver uma inter-relação dinâmica entre ambas, cada uma aberta sempre à complementação crítica da outra. Portanto, as maneiras de espiritualidade que integram e preservam a vida e os valores da fé cristã como a justiça, a paz, a alteridade, a importância do ser humano e a integridade da criação não decorrem mecanicamente da leitura da Bíblia pois, “podemos ler a Bíblia a partir de ideologias, sem conexão profunda com o espírito divino, mas, elas encontram na Bíblia a fonte para o estabelecimento de suas bases essenciais”. Daí, podemos nos referir à espiritualidade bíblica como o conjunto de experiências, explicitamente, religiosas, não pessoais ou coletivas, que expressam o núcleo central



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

A RELIGIÃO COMO FATOR DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO ÉTICO
André Magalhães Coelho

da fé, marcada especialmente pelo despojamento “abraâmico”, pela solidariedade profética e pelo censo de doação radical visto em Jesus e em seus seguidores.

Ter a Bíblia como fonte básica de reflexão teológica é um pressuposto metodológico de importância singular na teologia moderna. Somam-se a ela a história da igreja e a história da cultura e das ciências, inclusas a diversidade das experiências humanas nos diferentes aspectos socioculturais, científicos e religiosos. Se todas essas dimensões oferecem alimento para as experiências de espiritualidade, um quadro cada vez mais humanizador será vislumbrado no campo religioso e humano em geral (RIBEIRO, 2010, p.133-134).

4 A EVOLUÇÃO EM DIREÇÃO À HUMANIDADE

Também os estudiosos, entre aqueles que desprezam a religião, não deixaram de perceber que, na questão da pergunta pelo humano, iniciou-se desde a época moderna um processo de reflexão em todas as religiões. Com isso, pensamos na abolição de um cristianismo na época da Inquisição com práticas de exorcismos, levando hereges à fogueira, discriminando mulheres e excomungando porque não acreditavam na doutrina santa da igreja. A isso advém a humanização do direito eclesiástico católico que em muitos pontos obviamente ainda continua sendo desumano, pensamos na abolição dos sacrifícios de pessoas humanas e tendo como a única igreja verdadeira, onde fora da igreja não haveria salvação. Numa nova interpretação mais humana das doutrinas sobre a guerra santa no islamismo ou em reformas do direito estatal em países muçulmanos mais avançados. Também pensamos na crítica “intramulçumana” ao “scharia”, um direito sagrado medieval que em muitos aspectos, acha-se em flagrante contradição a Declaração Universal dos Direitos Humanos elaborado pelas Nações Unidas em 1984. Isso vale, em especial, para igualdade de direitos para as mulheres, direito matrimonial, ao divórcio, a herança e ao trabalho e para as pessoas não-muçulmanas, como por exemplo: proibição de praticar algumas profissões.

No futuro de todas as grandes religiões deverá haver uma maior conscientização nos seguintes pontos centrais da vida humana: observação dos direitos humanos; emancipação da mulher; concretização de justiça social e imoralidade da guerra. Tudo isso não são somente utopias, em sua longa história, a humanidade aboliu costumes como o incesto, o canibalismo e a escravidão. Por que numa constelação mundial totalmente nova, ela não poderia também acabar com as guerras? As guerras não são congênicas às pessoas, tais como a agressividade e a sexualidade que fazem parte da natureza humana.

As guerras são aprendidas e podem ser substituídas por regulamentações pacíficas atômicas, são simplesmente um suicídio coletivo, e as guerras de países pequenos com grandes aliados, em geral, terminam sem decisão clara (KÜNG, 2003).

5 A CONCRETIZAÇÃO TARDIA DOS DIREITOS HUMANOS NO CRISTIANISMO

Para Küng, na modernidade, o Cristianismo precisou passar por processo doloroso de mudança frente a outras tradições religiosas. Para as outras religiões esse processo também foi



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

A RELIGIÃO COMO FATOR DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO ÉTICO
André Magalhães Coelho

muito importante a partir da influência do Cristianismo, no decorrer do processo emancipatório iluminista da modernidade, cristalizou-se de forma crítica a religião, um humanismo que ocorre a razão, natureza e consciência (KÜNG, 2003). Esse humanismo muitas vezes também toma uma forma secular e anti-eclesiástica. O cristianismo, durante muito tempo, vendeu a sua fé de um ideal humanístico autônomo de consciência e de religião.

O cristianismo também ganhou com esse processo de busca de autonomia; mas, também porque liberdade, igualdade, fraternidade e dignidade humana, a suma do humano, verificável até no direito codificado, como por exemplo no art.1º da constituição da República Federal da Alemanha originalmente eram valores cristãos que foram redescobertos e concretizados na época moderna com uma consequência regida.

Os autores da declaração americana dos direitos humanos não eram ateístas, mas pessoas esclarecidas que criam em Deus. Também os direitos humanos da revolução francesa de 1789, conforme a concepção de alguns revolucionários, originalmente deveriam ser proclamados em nome de Deus. Isto, porém, acabou não acontecendo e justamente Roma e a Igrejas condenaram os direitos humanos como não cristãos. Isso foi à posição oficial até a mudança de curso proclamada por João XXIII e o Concílio Vaticano II, na segunda metade de nosso século[...] (KÜNG, 2003, p. 141).

A sociedade secular deve estar interessada que o humano permaneça dentro da religião, e nas situações atuais, ou de forma concreta, dentro do cristianismo. Em um mundo cada vez mais sem orientações, sem compromissos com a ética e a moralidade, em uma sociedade cada vez mais distante dos valores humanos, as religiões desempenham um papel importante dando rumos e orientações espirituais: a igreja ou a religião conseguem fazer isso melhor do que toda psicologia, pedagogia, jurisprudência e política.

CONSIDERAÇÕES

O diálogo inter-religioso, a princípio, diz respeito à riqueza do mistério “divino” que não pode ser capturado somente por uma tradição religiosa. A diversidade cultural, por sua vez, reflete a beleza do ser humano como um ser de criatividade, de modo que as diferentes religiões testemunham esta dimensão criativa na maneira de captar o mistério divino que transcende o humano. Por isso, é possível concordar que o sagrado se revela por caminhos que o ser humano não sabe explicar e por sua vez o diálogo inter-religioso resultou em quebra de paradigmas monopolizados e valorizou a pluralidade de cosmos visões. Desta maneira, cabe às religiões, com seus discursos, se apropriar de conceitos que as levam a refletir sobre esse diálogo com o indiferente, para a conscientização de valores que vão de encontro com a ética, direitos humanos e a valorização da vida em toda sua dimensão.

Os atritos reais entre as diversas religiões estão ligados à falta de diálogo, que podem ser internos, referentes às denominações que professam a mesma fé, os chamados problemas ecumênicos, ou externos, entre as religiões de modo geral. Se os problemas internos se dão muitas vezes por causa da falta de orientação acerca da identidade, da exclusividade e dos dogmas, os



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

A RELIGIÃO COMO FATOR DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO ÉTICO
André Magalhães Coelho

externos são próprios da falta de abertura, não só daquilo que diferencia, mas daquilo que possivelmente poderia unificá-las. Estes acontecimentos modificaram a forma de viver, tornando o ser humano livre para expressar a maneira de interpretar a vida, seja do ponto de vista religioso ou filosófico. Em meio a tantas identidades religiosas no mundo hodierno, o diálogo inter-religioso é uma ferramenta preponderante de aproximação de outras tradições religiosas, facilitando a comunicação e quebrando preconceitos, fazendo emergir respeito mútuo e tolerância religiosa.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **Ética e Moral**. A busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2016.
- COMBLIN, José. **Antropologia cristã**: a libertação na história. Petrópolis: Vozes, 1992.
- KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial**: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Editora Paulinas, 2003.
- LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MOLTMANN, Jürgen. **Ética da esperança**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- PUI-LAN, Kwok. **Globalização, gênero e construção da paz**. São Paulo: Paulus, 2015.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **A teologia da libertação morreu?** Reino de Deus e espiritualidade hoje. São Paulo: Fonte editorial, 2014.
- TEIXEIRA, Faustino. **Teologia e pluralismo religioso**. São Bernardo do Campo: Editora Nhanduti, 2012.